

A GESTÃO DA MORTE NOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ): NOVOS DADOS, NOVOS PROBLEMAS

António Carlos Valera¹ & Ricardo Godinho²

1. INTRODUÇÃO

A investigação da gestão da morte no recinto calcolítico dos Perdigões, localizado junto a Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora, iniciou-se em 1997 com a identificação do Sepulcro 1 (LAGO *et al.*, 1998). Desde então, os trabalhos prosseguiram, centrados na área da necrópole de sepulcros colectivos localizada na extremidade Este do recinto exterior e delimitada pelos dois fossos que o definem, que nesse ponto formam um semicírculo (Fig. 1). Até 2006 foram integralmente escavados dois sepulcros (Sepulcros 1 e 2) e definido superficialmente um terceiro.

Em 2007 e 2008, no âmbito de um projecto orientado para a identificação de contextos metalúrgicos, retomaram-se as intervenções num dos recintos interiores, junto a uma das sondagens de diagnóstico realizadas em 1997. Aí, para além de troços de dois fossos que delimitam esse recinto, identificaram-se doze fossas escavadas na rocha, tendo sido intervencionadas arqueologicamente onze. Dessas, duas revelaram uma utilização funerária, onde, pela primeira vez nos Perdigões, se registaram deposições humanas primárias (VALERA, 2008; GODINHO 2008).

Esta circunstância levanta toda uma nova série de questões relativamente à gestão da morte nos Perdigões, com naturais consequências para a interpretação global do sítio e das suas diversas espacialidades internas. Começaremos, assim, por expor resumidamente os dados actualmente existentes para a necrópole, para em seguida apresentar os contextos de enterramento em fossa e discutir as suas implicações.

2. BREVE SÍNTESE DA INFORMAÇÃO DISPONÍVEL PARA A NECRÓPOLE DOS PERDIGÕES

O recinto dos Perdigões, à imagem de outros grandes recintos de fossos do Sudoeste peninsular (como Valencina, Alcalar, La Pijotilla, San Blás), revelou a existência de uma necrópole associada, a qual apresenta a particularidade de se articular estruturalmente com os dois fossos exteriores que delimitam o sítio: do lado Este, e ladeada por duas entradas para o recinto, a necrópole ocupa o espaço definido entre o fosso interno e o alargamento em semicírculo do fosso exterior (Fig. 1). Neste espaço são conhecidos arqueologicamente três sepulcros e perspectiva-se (com base em evidências de superfície) a existência de mais alguns (talvez mais três ou quatro).

¹ Doutorado em Pré-História, NIA-ERA Arqueologia (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² Mestre em Antropologia Física, NIA-ERA Arqueologia (ricardogodinho@era-arqueologia.pt); CIAS do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

A sua localização do lado Este de recinto circular, enquadrada pelas portas e num eixo que, partindo do centro do recinto, abrange na mesma orientação o recinto megalítico de menires, o Vale do Álamo e Monsaraz, resultará do tradicional simbolismo neolítico.

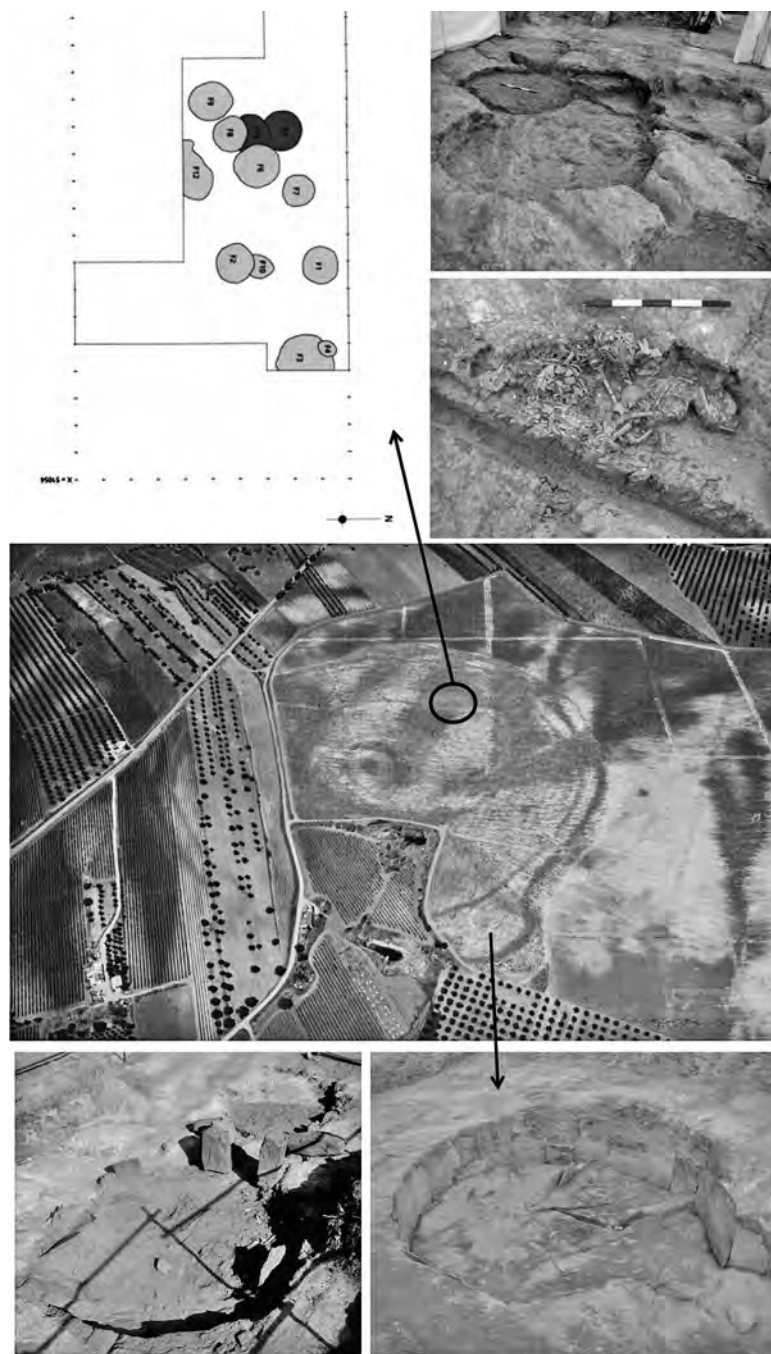


Fig. 1 – Recinto dos Perdigões, com localização da necrópole em baixo (imagens dos Sepulcros 2 e 1) e dos enterramentos em fossa em cima.

Os dados actualmente disponíveis reportam-se aos Sepulcros 1 e 2, integralmente escavados. Arquitectonicamente, ambos correspondem a estruturas semi subterrâneas, parcialmente escavadas na rocha, com três espaços bem definidos: uma câmara circular revestida a lajes de xisto; um pequeno corredor intermédio; um átrio circular ou ligeiramente em elipse também revestido a lajes de xisto (e um pequeno monólito de diorito no caso do átrio do Sepulcro 2). O Sepulcro 1 apresentava a área do corredor afectada por uma fossa de plantio de oliveira, pelo que não conhecemos exactamente a sua estruturação, a qual, no Sepulcro 2, correspondia a uma pequena passagem definida por dois pequenos esteios (de diorito) de cada lado cobertos por lajes (igualmente em diorito). A câmara do Sepulcro 1 apresentava, no seu quadrante Norte, um compartimento de planta trapezoidal definido por lajes de xisto cravadas na vertical e existem evidências de uma “porta” na passagem do átrio para o corredor no Sepulcro 2 (Fig. 2 e 3).

Quanto às coberturas das câmaras e átrios, não sabemos como seriam, uma vez que não existem vestígios de derrubes de falsas cúpulas de pedra nem evidências de outro tipo de cobertura, facto que afasta estes sepulcros dos grupos dos monumentos de falsa cúpula clássicos. No que respeita às orientações, o Sepulcro 1 encontra-se virado a 90.º (precisamente a Este), enquanto o Sepulcro 2 está orientado a 130.º (quadrante Sudeste).

Em termos de utilização, os dados existentes apontam para utilizações exclusivamente secundárias. A excepção, neste caso, parece mesmo confirmar a regra: trata-se de um pé cujos ossos se encontravam em conexão anatómica ao centro do átrio do Sepulcro 2 (Fig. 4), depositado num momento inicial de utilização funerária daquele espaço. A localização e o isolamento contextual deste pé tornam pouco credível a possibilidade de ali ter estado uma deposição primária posteriormente desarticulada. Por outro lado, a câmara do Sepulcro 1 foi entrando em ruína, com a fractura e queda de lajes de xisto do revestimento das paredes, sem que tenha existido interrupção da sua utilização funerária nem acções de reabilitação estrutural. Desta forma, deposições funerárias foram seladas por lajes tombadas e sobre estas realizadas novas deposições, seladas igualmente por lajes caídas posterior-



Fig. 2 – Momentos da escavação do Sepulcro 1.



Fig. 3 – Momentos da escavação do Sepulcro 2 (Câmara).

(recipientes cerâmicos, contas de colar, ídolos, lâminas e pontas de seta). No átrio apenas se documentou a deposição ritual de determinados materiais: (um pequeno recipiente cerâmico de pé alto; um conjunto de mais de duas dezenas de pontas de seta; uma concha de *Pecten maximus*; um punhal de sílex e um conjunto de 5 recipientes de calcário. Para a interpretação desta gestão diferenciada do espaço foi avançada a possibilidade de na câmara decorrerem procedimentos mais associados ao defunto ou defuntos e no átrio se praticarem rituais de maior carga colectiva (VALERA *et. al.*, 2007).

Já no Sepulcro 2, o átrio foi intensamente utilizado para deposições funerárias. A estratigrafia parece apontar para três grandes momentos: um primeiro com menos ossos humanos, que surgem mais dispersos, e que poderá corresponder a um momento de utilização funerária essencialmente da câmara; um segundo momento em que o corredor é fechado por uma laje de xisto colocada na vertical à sua entrada e em que se verifica um significativo aumento da deposição de ossos no átrio; um terceiro momento em que essa laje parte e cai sobre o átrio, continuando a fazer-se deposições funerárias, que a cobrem. De notar que os materiais votivos do átrio do Sepulcro 2 apresentam algumas diferenças relativamente aos da câmara do Sepulcro 1: raridade da cerâmica (apenas um esférico à entrada do corredor e um recipiente com decoração simbólica barroca); raridade de lâminas (apenas 1 inteira à entrada do corredor e um fragmento de outra); ausência de pontas de seta; ausência de pedra polida; raridade de metal (apenas um fragmento de objecto não identificável); abundância de artefactos em osso polido e marfim (ídolos e adorno) e de contas de colar em calíço.

A câmara do Sepulcro 2 terá tido uma reutilização tardia (dentro do 3.º milénio) que perturbou as deposições anteriores. Na sua fase final de utilização foi definido um depósito integrando ossos longos e uma armação de cervídeo, praticamente sem materiais arqueológicos associados e delimitado no quadrante Sudoeste da câmara por um conjunto de lajes de xisto e dois fragmentos de um “menir/estela” igualmente em xisto (Fig. 3). Fora de quadrante foram recolhidas duas chapas de ouro e um botão em osso de perfuração em “V”. Restos de chapas de ouro foram recolhidos ao longo dos depósitos, configurando um momento de reutilização tardia, provavelmente numa fase campaniforme (que não surge no sepulcro, mas existe no recinto). Ao longo dos depósitos de enchimento da câmara foram-se igualmente recolhendo ossos e materiais dispersos relacionados com utilizações mais antigas, de que se preservou aparentemente intacto um pequeno conjunto de ossos junto à parede do fundo da câmara.

A informação antropológica disponível para estes sepulcros resultante do estudo osteológico em curso é ainda bastante escassa. Face à natureza da utilização dos sepulcros, em que uma utilização recorrente e prolongada se

mente (Fig. 2). Nestas circunstâncias, a queda das lajes acabou por proteger as deposições mais antigas de eventuais revolvimentos provocados pelas mais recentes, mas nem mesmo assim se documentou qualquer conexão anatómica, por mais parcelar que fosse. Por outro lado, a frequência relativa dos ossos dominantes nos estudos já realizados para o Sepulcro 1 é pouco compatível com um contexto de decomposição e desarticulação de corpos em deposição primária (VALERA *et. al.*, 2000).

Relativamente à gestão do espaço funerário, no Sepulcro 1 apenas a câmara (não sabemos se o corredor também) foi utilizada para a deposição de ossos humanos e abundante material votivo



Fig. 4 – Pé em conexão anatómica no átrio do Sepulcro 2.

articulou com situações de ruína, a colecção osteológica, para além de muito numerosa, apresenta-se num estado de conservação que apresenta dificuldades ao seu estudo: as superfícies ósseas encontram-se danificadas por meteorização e por transporte e manipulação humanos; verifica-se o esmagamento e a erosão, que apagam o perióstio e impedem ou dificultam a diagnose paleopatológica. Tais circunstâncias, aliadas à já referida grande quantidade de restos, tem feito estender no tempo o estudo antropológico dos Sepulcros 1 e 2 (que será continuado no âmbito de uma tese de doutoramento de um de nós – RG).

Assim, de momento, apenas estão disponíveis dados preliminares para o Sepulcro 1, sobre uma primeira aproximação ao número mínimo de indivíduos presentes na câmara. A contagem de dentes (num total de 2054 dentes individuais, 60 fragmentos de mandíbula e 40 fragmentos de maxilar superior) aponta para um número mínimo entre 99 (com base no primeiro molar superior) e 101 indivíduos (com base no primeiro molar inferior). Contudo, o total de dentes representados no Sepulcro 1 ainda não se encontra definido, dado que alguns ainda se encontram embebidos em crânios e porções cranianas, ainda com sedimentos.

Nas contagens já efectuadas noutros elementos anatómicos, o número de indivíduos não atinge estes valores, facto natural em contextos de deposição secundária de utilização recorrente e prolongada, mas que também poderá relacionar-se com o maior grau de resistência do esmalte dentário.

3. ENTERRAMENTOS EM FOSSA: DADOS DO SECTOR I

A intervenção no Sector I (Fig. 1) abrangeu as estruturas delimitadoras de um dos recintos interiores dos Perdígões, as quais são compostas por dois fossos aparentemente paralelos e a curta distância (2,5 m) um do outro (VALERA, 2008).

Do lado interno deste recinto, na área de cerca de 60m² abrangida pela escavação (Fig. 1), foram identificadas doze fossas abertas no substrato geológico, onze das quais foram escavadas.

Na extremidade Este identificaram-se duas fossas. Uma pequena, de planta circular e de perfil convexo (Fossa 4), cortada por uma maior (Fossa 3) de contornos irregulares e perfil troncocônico invertido (apenas escavada em cerca de metade da sua área).

Imediatamente a Oeste situam-se as fossas 1, 2 e 10. A Fossa 1, de planta circular e perfil troncocônico invertido, apresenta a particularidade de ter um sulco escavado ao longo do rebordo da base assim como um conjunto de pequenas cavidades dispersas por essa mesma base. Esta fossa cortava, para além do substrato geológico, um depósito (UE53) ainda conservado, depósito esse que cobria as fossas 2 e 10, o que estabelece a anterioridade destas relativamente àquela. A Fossa 10 corresponde a uma pequena depressão irregular, de tendência ovalada e pouco profunda, cortada pela abertura da Fossa 2, de planta circular, perfil troncocônico e base convexa.

Mais para Oeste encontrava-se um conjunto de sete fossas, identificadas a partir do topo do substrato geológico, ainda atingido pela superfície. Algumas cortavam-se, permitindo estabelecer uma sequência temporal (Fig. 1). As fossas 5 (planta circular, perfil cilíndrico e base convexa) e 9 (planta circular e perfil cilíndrico), embora integradas no conjunto, não apresentavam relações físicas com outras fossas, pelo que não podem ser integradas nessa sequência temporal. Já as Fossas 6, 7, 8 e 11 interceptavam-se, permitindo determinar que a primeira a ser aberta foi a Fossa 7, a qual foi posteriormente cortada pela Fossa 11, que por sua vez viria a ser cortada pelas fossas 6 e 8 (entre estas duas não é possível estabelecer relações de anterioridade).

Deste conjunto de quatro fossas que se interceptavam, as duas mais antigas (Fossas 7 e 11) eram as que apresentavam contextos funerários humanos.

A Fossa 7 (a mais antiga deste conjunto de quatro) evidenciou a presença de algumas partes anatómicas em conexão, mas não esqueletos quase ou integralmente completos. Note-se a presença de ossos parcialmente articulados de uma pata de suídeo junto aos ossos de uma perna humana. Trata-se do único elemento votivo associado a estas deposições. Esta fossa é a de maiores dimensões do conjunto e apresenta uma planta subcircular e um perfil troncocônico assimétrico. O seu enchimento na metade inferior, ao contrário do que se registou nas restantes fossas, era feito em grande parte com o material constituinte do substrato geológico local (dioritos alterados e veios filonéanos muito alterados e argilosos), quase não tendo materiais arqueológicos. Os ossos humanos apareciam em sedimentos que tanto se encontravam a preencher uma depressão aberta naqueles depósitos, como noutros que lhes eram parcialmente subjacentes, revelando uma situação compatível com a ideia de manipulação dos esqueletos.



Fig. 5 – Enterramentos em conexão anatómica na Fossa 11.

Já o depósito final de enchimento da fossa apresentava características distintas, tanto ao nível dos sedimentos, mais argilosos e arenosos, contendo algumas pedras e bastantes restos de cerâmicas e fauna, praticamente ausentes dos depósitos que albergavam os restos humanos. Quando este depósito se formou, colmatando o topo da fossa, esta já não estaria em uso funerário.

Já da Fossa 11 apenas se conservava um estreito segmento do lado Oeste, tendo o resto sido cortado por outras fossas pré-históricas (fossas 6 e 8) e afectado por uma vala de surriba. Contudo, nessa extremidade (que apresentava uma profundidade de 32 cm) estavam parcialmente preservadas 3 inumações primárias. Nessa parte preservada da fossa, estes indivíduos estavam acompanhados por uma pata de suídeo em conexão anatómica, depositada por trás da bacia de um indivíduo adolescente que se encontrava encostado à parede da fossa, e por uma concha de berbigão. Os corpos estavam colocados sobre um depósito argiloso de cor alaranjada e muito compactado, com uma espessura de 15/20 cm e praticamente sem materiais arqueológicos, o qual se sobrepunha a uma fina camada de dioritos alterados, arqueologicamente estéril. Poderá, pois, colocar-se a possibilidade deste depósito argiloso ser uma preparação da fossa para receber as inumações.

Relativamente à informação antropológica, na Fossa 7 verificou-se a presença de parte de dois membros inferiores incompletos em conexão anatómica parcial que apresentavam orientações, localizações altimétricas e estratigráficas distintas. Um é do lado esquerdo e o outro do lado direito, sendo constituídos por fragmentos das tíbias, fragmentos dos perónios e diversos ossos dos pés. A estes acrescem diversos ossos de mãos de sub-adulto, dos quais alguns apresentavam ainda conexão anatómica parcial. Para além destes, registou-se igualmente a presença de um crânio e alguns fragmentos de crânio dispersos (Fig. 6).

Os dados osteométricos recolhidos no campo relativamente aos membros inferiores revelam valores semelhantes. Acresce que apresentam idades compatíveis e a ausência de patologia degenerativa, articular e não articular. Não é, assim, de excluir a possibilidade de serem partes das duas pernas de um mesmo indivíduo, ainda que apresentem posições, localizações estratigráficas e altimétricas distintas.

Não foi possível aferir qual a orientação dos esqueletos, a sua posição de deposição nem a posição dos seus membros devido à sua reduzida representatividade (ver: Tabela 1 e Tabela 2). Registou-se a deslocação, ainda que parcial, de diversos dos ossos que constituem as duas pernas/pés registadas. Os ossos não evidenciam quaisquer indícios de exposição solar nem marcas da acção de fauna.



Fig. 6 – Restos humanos em conexão anatómica parcial na Fossa 7.

Da Fossa 11 foram exumados três indivíduos em conexão anatómica (Fig. 5). Todos se encontravam bastante próximos entre si, sendo inclusivamente observável o contacto directo entre os ossos de diversos indivíduos.

Todos os indivíduos presentes nesta fossa se encontravam depositados tendencialmente sobre um dos lados. São, desta forma, apontados como se encontrando em decúbito lateral. Dois deles estavam sobre o lado esquerdo e um sobre o lado direito. Os dois primeiros estavam orientados, *grosso modo*, com o crânio para Norte e os pés para Sul. O terceiro tinha o crânio orientado, aproximadamente, para Sudoeste e os pés para Nordeste (ver: Tabela 1). Apesar das diferentes orientações todos estavam com as órbitas orientadas sensivelmente para o mesmo lado: Este.

Um dos indivíduos apresentava os membros inferiores sobre o seu torso. É colocada a hipótese de o indivíduo poder ter sido depositado com os membros inferiores noutra posição e que posteriormente, ainda com tecidos moles, estes tenham sido dispostos desta forma. Quando observáveis, as mãos dos diversos indivíduos encontravam-se acima da cabeça e/ou com o ante-braço/braço sobre a o rosto. Embora o número de indivíduos seja reduzido, a recorrência da posição dos membros superiores e o facto de todos os esqueletos se encontrarem em decúbito lateral e virados para o mesmo lado sugere uma clara intencionalidade na deposição dos corpos.

Tabela 1 – Dados de antropologia funerária dos esqueletos exumados no Sector I.

Fossa	U.E.	Orientação	Posição do corpo	Posição do crânio
7	104	Não observável	Não observável	Não observável
7	106	Não observável	Não observável	Não observável
7	114	Não observável	Não observável	Não observável
11	76	SO – NE	Decúbito lateral direito	Para a direita
11	77	N – S	Decúbito lateral esquerdo	Para a esquerda
11	78	N – S	Decúbito lateral esquerdo	Não observável

Tabela 2 – Posição dos membros dos esqueletos exumados no Sector I.

Fossa	U.E.	Braço esquerdo	Braço direito	Perna esquerda	Perna direita
7	104	Não observável	Não observável	Não observável	Não observável
7	106	Não observável	Não observável	Não observável	Não observável
7	114	Não observável	Não observável	Não observável	Não observável
11	76	Mão possivelmente acima da cabeça	Não observável	Não observável	Não observável
11	77	Não observável	Braço e ante-braço sobre o rosto	Sobre o torso	Sobre o torso
11	78	Mão acima da cabeça	Não observável	Não observável	Não observável

Considerando a sobreposição de diversos ossos e as ligeiras deslocações *post mortem* é de colocar a hipótese dos indivíduos terem sido depositados num espaço aberto, que não terá sido coberto e colmatado com depósitos. Reitera-se que os ossos não tinham qualquer marca de exposição ao sol nem marcas de fauna, pelo que as fossas deveriam ter tido alguma cobertura (tampa) que os protegesse. Assim, a ausência de diversos ossos nos diferentes esqueletos, em particular na Fossa 7, relacionar-se-á provavelmente com a manipulação dos restos humanos, apresentando ainda tecidos moles ou já completamente esqueletizados, possivelmente relacionada com as sucessivas reutilizações funerárias das fossas, mas também com prováveis trasladações parciais.

No que respeita à paleodemografia, dos indivíduos que se apresentavam em conexão anatómica na Fossa 7, um apresentava uma idade à morte compreendida entre um e três anos de idade. O restante indivíduo representado pelos restos das pernas (ou dois indivíduos, se esses restos não pertencerem a uma só pessoa, como se referiu acima), terá falecido com uma idade superior a 17 anos. Destaca-se a ausência de quaisquer indícios de patologia



Fig. 7 – Plano das deposições funerárias na Fossa 11.

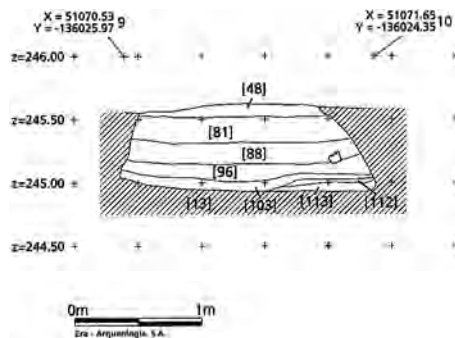


Fig. 8 – Estratigrafia da Fossa 7.

degenerativa, articular ou não articular. Dada a correlação que estas apresentam com a idade, tal ausência pode indiciar que o(s) indivíduo(s) não apresentaria(m) uma idade à morte muito elevada (BENJAMIN *et al.*, 2000; WEISS, 2003; ROBERTS & MANCHESTER, 2005; WEISS & JURMAIN, 2007) (ver: Tabela 3). Os indivíduos presentes na Fossa 11 são todos sub-adultos. Dois deles apresentam uma idade perto dos 15 anos e o terceiro uma idade à morte de cerca de 6 anos (ver: Tabela 3). Em suma, embora o número de indivíduos seja extremamente reduzido destaca-se, ainda assim, que 4/6 dos esqueletos são de sub-adultos. Apenas se observou a presença de dois casos ([104] e [114]) de possíveis adultos. Não obstante serão, provavelmente, ainda jovens.

A baixa idade à morte da maioria dos indivíduos impossibilita a sua diagnose sexual. Procurou-se a diagnose sexual através de análise osteométrica dos astrágalos e dos calcâneos no(s) indivíduo(s) [104] e [114]. Os primeiros indicam uma diagnose de homem. Já os calcâneos indicam mulher. Dada a maior taxa de classificação correcta do astrágalo (WASTERLAIN, 2000) privilegia-se a diagnose proporcionada por este. Não obstante, a diagnose não é, como exposto, unívoca nem conclusiva, pelo que esta é seguida de uma interrogação (ver: Tabela 3).

Tabela 3 – Dados da paleodemografia dos esqueletos exumados no Sector I.

Fossa	U.E.	Idade à morte (em anos)	Diagnose sexual
7	104	> 17	Homem?
7	106	1 – 3	Indeterminado
7	114	> 17	Homem?
11	76	15 – 16	Indeterminado
11	77	6	Indeterminado
11	78	15	Indeterminado

4. CRONOLOGIA

Não dispomos ainda de datações absolutas para os contextos funerários em fossa do Sector I dos Perdígões. A sua referenciação cronológica está, por enquanto, baseada apenas nos dados relativos proporcionados pelos materiais associados e pela análise estratigráfica de sobreposição de fossas.

Entre as duas fossas com evidências funerárias, a Fossa 7 é a mais antiga, uma vez que é cortada pela Fossa 11. A Fossa 7 apresentava vários depósitos, sendo que os restos humanos só se registaram nos mais profundos, que se distinguem dos superiores, não só pela presença de restos humanos, mas também por sedimentos diferentes e pela total ausência de materiais arqueológicos. Assim, os depósitos que preenchem o topo da fossa (UEs 48, 81, 88 e 96) não revelaram restos humanos, mas forneceram material, embora muito fragmentado. Na UE96 (primeiro depósito sem restos humanos) registaram-se 4 bordos, sendo 1 indiferenciado, 2 pertencentes a tigelas simples e 1 a uma tigela fechada. A UE88 (que cobria a 96) forneceu 18 bordos, 1 fragmento de carena e 1 fragmento de peso (placa). Foi possível identificar 3 pratos (2 de bordo espessado internamente e 1 de bordo bi-espessado), 2 esféricos simples, 2 tigelas simples e 1 taça carenada. Sobre a UE88 definiu-se a 81, a qual forneceu 10 bordos e uma carena, permitindo a identificação de 4 pratos (3 de bordo espessado internamente e 1 simples) e uma tigela simples. Um dos bordos apresentava decoração, com representação de cervídeos incisivos (Fig. 9). Finalmente, a UE48, que colmatava o topo da fossa, forneceu 13 bordos e 1 peso, crescente. Identificaram-se 5 pratos (3 de bordo espessado internamente, 1 simples e 1 bi-espessado) e 1 taça, 1 esférico, 1 tigela e 1 globular, todos de bordo simples.

Este material cerâmico indica uma cronologia claramente calcolítica, permitindo assumir que a colmatação da fossa pós utilização funerária terá decorrido num momento pleno do Calcolítico.



Fig. 9 - Fragmento cerâmico com representação de cervídeos proveniente da Fossa 7.



Fig. 10 - Pata de suídeo depositada na Fossa 11.

Esta fossa, ao ser cortada pela Fossa 11, estabelece um *terminus post quem*, para a abertura daquela e para as deposições funerárias que integrava. Os depósitos da Fossa 11 eram praticamente estéreis do ponto de vista do material arqueológico, existindo apenas alguns fragmentos cerâmicos indiferenciados e uma lamela de sílex (para além da já referida concha de berbigão e pata de suídeo – Fig. 10). Esta ausência de material não permite estabelecer uma cronologia relativa a partir do próprio contexto. Contudo, sabemos que a Fossa 7 marca um *terminus post quem*, e que as Fossas 6 e 8, que cortam por sua vez a Fossa 11, lhe estabelecem um *terminus ante quem*. Vejamos então os conteúdos dessas fossas.

A Fossa 8 tinha dois depósitos, dos quais só o superior tinha material. Registaram-se 29 fragmentos de bordo, correspondendo 11 a pratos (1 espessado externamente, 7 espessados internamente, sendo dois almendrados e 2 simples), 1 globular, 1 esférico e 1 taça de bordo espessado internamente. Acrescem 6 fragmentos de pesos (5 crescentes e 1 placa).

Já a Fossa 6 revelou um preenchimento com três depósitos, todos com material. O da base (UE79) forneceu apenas 6 bordos, que permitiram identificar dois globulares de colo e um prato de bordo bi-espessado. Seguiu-se a UE74, com 16 bordos, onde se identificou 1 prato de bordo espessado externamente, 2 globulares simples, 1 taça de bordo bi-espessado e 1 taça carenada. Registaram-se ainda 5 pesos (2 crescentes e 3 placas), para além de um pequeno fragmento de núcleo de quartzo para lamelas e um possível segmento também em quartzo. No depósito de topo (UE52) recolheram-se 20 bordos, onde constam 6 pratos (4 de bordo espessado internamente, sendo um almendrado), 1 taça, 2 tigelas e 1 globular de colo. Registou-se ainda 1 fragmento de peso, crescente.

Globalmente, o conjunto de materiais das Fossas 6 e 8 enquadram-se igualmente num momento pleno do calcolítico regional. Esta é, pois, a cronologia relativa que poderemos avançar para as deposições funerárias das Fossas 7 e 11, situação que as torna genericamente contemporâneas dos sepulcros escavados na necrópole, particularmente do Sepulcro 1 (já que no Sepulcro 2 existem reutilizações que serão muito provavelmente já da 2ª metade do 3.º milénio).

Note-se que datações de B-OSL ainda inéditas colocam os enchimentos dos dois troços de fossos do Sector I na segunda metade do 4.º / 1ª metade do 3.º milénio a.C., o mesmo acontecendo com a Fossa 3 e com a construção do Sepulcro 1 (este situado na área de necrópole), enquanto a Fossa 2 foi referenciada na segunda metade do 3.º milénio.

5. GESTÃO DA MORTE NOS PERDIGÕES

O enterramento em fossa durante o Neolítico e Calcolítico peninsulares é um fenómeno há muito conhecido (sobretudo em Espanha), embora ainda pouco analisado e reflectido em Portugal, talvez devido à acção catalizadora que o megalitismo tem exercido sobre a investigação, por um lado, e ao ainda relativamente reduzido número de contextos de enterramento em fossa conhecidos no território actualmente português.

Esta última circunstância, contudo, está presentemente em profunda alteração, resultado das inúmeras ocorrências que se têm registado no Alentejo, na sequência dos projectos da rede de rega de Alqueva, cuja consequência se fará brevemente sentir (assim se espera) no incremento da investigação e debate desta problemática em Portugal.

Tradicionalmente, estas ocorrências têm sido perspectivadas como reutilização de antigos silos, no contexto dos comumente designados “campos de silos” ou em contextos considerados habitacionais (cabanas em fossa), enquadrados ou não por estruturas perimetrais de delimitação (normalmente fossos). Todavia, o aumento da base empírica relativa a esta realidade, a diversidade morfológica e contextual que começa a evidenciar e o debate que se introduziu na Pré-História Peninsular sobre a natureza destes sítios e estruturas de fossos e fossas (MÁRQUEZ ROMERO, 2003; MÁRQUEZ ROMERO & JÍMENEZ JÁIMEZ, 2008; JÍMENEZ JÁIMEZ, 2008), têm revelado a

simplicidade da tradicional resposta (reutilização pontual de silos ou outras estruturas negativas) e originado discursos mais complexos e problematizantes, onde se têm vindo a esgrimir teorias e modelos interpretativos distintos para as comunidades do Neolítico e Calcolítico peninsular.

De facto, tem sido sublinhado o carácter plural destas soluções funerárias, quer ao nível das arquitecturas das fossas, como dos rituais de tratamento dos corpos e rituais votivos, tanto entre sítios como num mesmo sítio (BLASCO & RÍOS, 2005-2006). Neste sentido, a informação disponibilizada pelos Perdigões permite igualmente abordar a questão da natureza das fossas utilizadas para deposições funerárias.

De uma análise geral ressalta o facto das fossas do Sector I apresentarem profundidades bastante reduzidas e, portanto, volumes igualmente baixos (Tabela 4). De facto, variando entre os 8 e os 66 cm, a maioria apresenta profundidades entre 20 e 34 cm. Dado o facto de o revolvimento provocado pela surribo ter atingido o substrato rochoso em quase toda a área, estas medidas foram tiradas entre a base das fossas e o seu rebordo à superfície do substrato geológico, não sendo de excluir a possibilidade de algumas se poderem prolongar originalmente um pouco mais, através dos solos existentes e actualmente revolvidos. Nunca seriam, contudo, muito profundas. Os volumes aproximados calculados apresentam maioritariamente valores abaixo do ½ metro cúbico e apenas dois casos ultrapassam o metro cúbico.

Tabela 4 – Dimensões das fossas do Sector I

Fossa	Diâmetro Boca	Diâmetro Base	Profundidade	Volume Aprox.
1	1,32	1,26	0,22	0,29 m3
2	1,34	1,50	0,40	0,58 m3
3	2,28	2,16	0,40	1,32 m3
4	0,98	0,20	0,42	0,21 m3
5	1,12	1,00	0,34	0,29 m3
6	1,62	1,72	0,34	0,69 m3
7	1,42	2,02	0,66	1,46 m3
8	1,24	1,22	0,22	0,23 m3
9	1,32	1,32	0,20	0,18 m3
10	?	?	0,08	?
11	?	?	0,32	?
12	?	?	?	?

Em face destes dados, a sua interpretação como silos reutilizados torna-se pouco credível, sobretudo para a Fossa 11. Pelo contrário, a possibilidade de, pelo menos em algumas das situações, estas fossas circulares possam ter sido abertas propositadamente para desempenharem uma função funerária torna-se mais plausível. O facto de a Fossa 11, muito pouco profunda, ter um depósito argiloso estéril a servir de “cama” à deposição dos corpos humanos reforça esta ideia. Estaríamos, assim, perante verdadeiras sepulturas circulares (mantendo a tendência da arquitectura do período) escavadas na rocha.

Em face desta possibilidade, a questão que se levanta é a da natureza contextual em que estas fossas se inserem nos Perdigões. Será uma área específica de enterramentos? Será uma situação específica deste recinto interno, ou generalizada ao sítio? Que tipo de contextos funcionais envolviam estas fossas? De momento, é difícil responder a estas questões sem um alargamento das escavações em área neste e noutros sectores dos Perdigões.

Mas para além das questões contextuais concretas do Sector I, um outro problema que se levanta é o da relação entre estes enterramentos em fossa e os enterramentos em sepulcros megalíticos.

Antes de tudo, a explosão da documentação empírica relativamente a estes contextos, caracterizados pela sua grande invisibilidade arqueológica (aspecto igualmente central no debate relativamente à sua interpretação),

começa a pôr em causa o carácter pontual desta solução, apresentando-a como uma prática funerária verdadeiramente alternativa ao (ou articulada com o) fenómeno megalítico.

De facto, não só se vem verificando uma coincidência geográfica entre estas diferentes soluções funerárias, como em várias situações elas convivem nos mesmos contextos, como são os casos de vários dos grandes recintos de fossos do Sul Peninsular, onde existem associadas necrópoles megalíticas na sua periferia e ocorrem enterramentos em fossa no seu interior: são os casos de Los Marroquíes Bajos, de Valencina de la Concepción, de La Pijotilla e agora dos Perdigões.

Ainda que a questão da temporalidade de muitos destes contextos seja um problema dificilmente resolúvel, dificultando a percepção da real relação cronológica entre eles, a questão que de imediato se levanta é a de como interpretar esta “dualidade” funerária num mesmo sítio. Partindo do princípio de que uma contemporaneidade genérica está estabelecida, a solução funerária em fossa tem sido valorizada essencialmente como *alternativa* e sobretudo interpretada no contexto da investigação da emergência da desigualdade social, onde os mortos assim sepultados são vistos como “excluídos” do ritual colectivo megalítico (CÁMARA SERRANO, 2001), por razões normalmente relacionadas com as estratégias / consequências dessa diferenciação social. Um desinvestimento arquitectónico (que decorre da concepção de reutilização de estruturas já amortizadas à sua função primária) e a frequente ausência ou raridade de materiais votivos em enterramentos em fossa são argumentos que têm servido para reforçar esta linha interpretativa.

Recentemente, dentro do mesmo enquadramento materialista de aproximação à origem da desigualdade social, foi avançada uma peculiar interpretação para os enterramentos humanos numa estrutura circular em fossa (considerada como de habitação e que em determinado momento foi transformada em estrutura sepulcral) no Polideportivo de Martos, no Alto Guadalquivir (CÁMARA SERRANO *et. al.*, 2008). A presença de duas mulheres e três jovens sepultados nessa fossa é interpretada como a utilização da mulher em rituais funerários que se inscrevem em estratégias de reprodução da força de trabalho e da agregação comunitária num contexto de “arranque” da apropriação diferenciada. Por outras palavras, para o autor, este enterramento expressa simultaneamente, de uma forma simbólica (e não directa), o controlo de mulheres e crianças (teoricamente perspectivadas como força de trabalho), uma estrutura incipiente de apropriação familiar diferenciada e um reforço da agregação do grupo sustentada nessa matriz de diferenciação social “inicial”.

Mais do que discutir os aspectos concretos desta interpretação, a adequação dos seus pressupostos teóricos e a legitimidade ou ilegitimidade que aqueles dados empíricos lhe conferem (o que nos desviaria do objectivo do presente texto), interessa aqui sobretudo sublinhar a valorização do papel simbólico concedido a esta solução funerária e que, podemos dizê-lo, a eleva a um patamar paralelizável ao concedido a muitos monumentos megalíticos. Ou seja, interessa salientar o facto de que este tipo de contextos funerários podem desempenhar um papel social tão relevante como os desempenhados pelos contextos funerários megalíticos, estruturalmente mais complexos: a simplicidade estrutural e contextual funerária deixa de ser sinónimo de ausência ou reduzida relevância social. Neste sentido, pelo menos de certa forma, assiste-se a uma valorização teórica deste tipo de soluções, aproximando-as das valorizações concedidas ao megalitismo em termos de desempenho social.

Porém, se nos deslocarmos um pouco de perspectiva, verificamos que estas soluções não têm que ser necessariamente sempre entendidas como alternativas ao megalitismo, mas que, em certas situações, poderão estar com ele articuladas. Neste sentido, os dados actualmente disponíveis para os Perdigões são particularmente sugestivos.

Os dois sepulcros integralmente intervencionados revelaram a presença (na câmara do Sepulcro 1 e na câmara e átrio do Sepulcro 2) de restos humanos que excedem largamente, em conjunto, a centena e meia de indivíduos. Como já foi referido atrás, em nenhuma circunstância surgiram evidências que documentem a existência de deposições primárias, estando ausentes esqueletos ou reduções em conexão anatómica (com excepção de um pé

isolado no meio do átrio do Sepulcro 2). Pelo contrário, os dados apontam para um uso, senão exclusivo, pelo menos predominante, destes sepulcros para a realização de deposições secundárias. Esta circunstância levou a que em 2000 se equacionassem diferentes cenários (VALERA *et al.*, 2000): concretização da primeira fase do processo mortuário em sepulturas adjacentes presentes na mesma necrópole, mas ainda não intervencionadas (prevê-se a existência de pelo menos mais 6); primeira fase do processo mortuário em estruturas no interior do recinto (eventualmente percíveis); primeira fase do processo realizado fora dos Perdígões; a conjugação das duas fases nos mesmos sepulcros, mas que a evidência registada parecia contrariar (note-se que esta hipótese era avançada porque a escavação dos sepulcros não tinha sido ainda concluída). O desenvolvimento de outras linhas de investigação nos Perdígões, e que se articulam com a questão funerária, veio posteriormente reforçar algumas destas hipóteses.

A primeira contribuição resultou do estudo arqueométrico de cerâmicas, o qual evidenciou a existência no Sepulcro 1 de um conjunto de recipientes produzidos com argilas de alteração dos xistos, cujo contexto geológico é o mais distante dos Perdígões e que não foram ainda detectadas em recipientes provenientes do interior do recinto (realizados com argilas de alteração dos gabros e dioritos locais ou dos granitos e depósitos terciários envolventes (DIAS *et al.*, 2008). Esta circunstância parece documentar a presença, em contexto funerário específico, de recipientes de proveniência exógena, viabilizando e reforçando a hipótese de que os sepulcros da necrópole dos Perdígões poderiam ser utilizados em deposições secundárias por populações da rede periférica de povoamento em que este recinto se insere e que provavelmente agrega.

A segunda contribuição resulta da recente identificação dos contextos funerários em fossa no Sector I, bem no interior do recinto e a cerca de 300 m da necrópole. Tratam-se, como vimos, de duas fossas com deposições primárias, praticamente sem espólio votivo associado (que se resumia a uma pata de suídeo em cada uma das fossas e a uma concha de berbigão na Fossa 11). O contexto da Fossa 7 ganha particular relevo, na medida em que existiam reduções de algumas partes de corpos, sugerindo que os restantes elementos do corpo teriam sido removidos. A ausência quase total de ossos como costelas e outros ossos pequenos dispersos, associada à aparente ausência de marcas da acção de fauna nos ossos, indicia uma manipulação humana intencional. É plausível que tenha inclusivamente ocorrido a manipulação dos contextos funerários quando os indivíduos apresentavam ainda tecidos moles, sendo os indícios para esta hipótese mais evidentes na Fossa 11 relativamente ao indivíduo que apresentava as pernas sobre o torso. Estamos, pois, perante a possibilidade de estas partes de corpo terem sido removidas para a necrópole onde apenas o tratamento secundário está registado, constituindo-se estas fossas como uma área de tratamento primário do processo funerário que decorreria em várias etapas encadeadas e com procedimentos próprios. A deposição em fossa surge, neste caso, não como alternativa de deposição definitiva, mas como um momento de um ritual funerário mais complexo e articulado com a necrópole megalítica. Faseamento articulado do ritual que pode, inclusivamente, explicar as diferenças registadas ao nível dos espólios votivos, entre a quase inexistência de oferendas nas fossas e a alta densidade, variedade e “riqueza” artefactual presente nos sepulcros da necrópole. Concebido como processo complexo que pode envolver vários momentos e espaços diferenciados, o ritual funerário obriga a cuidados na interpretação isolada de um desses momentos ou espaços e as inferências de desigualdades sociais sustentadas em desigualdades artefactuais ou arquitectónicas podem ser, uma vez mais, precipitadas. Como precipitado seria aceitar esta hipótese, que os Perdígões actualmente nos sugerem, como algo demonstrado e susceptível de alicerçar modelos interpretativos ambiciosos sobre a organização das comunidades que ali viveram e por ali circularam³.

³ Antes, trata-se de uma possibilidade que se transformou em questionário de um novo projecto para o sítio, integrado na linha de investigação dos Ambientes Funerários nos Perdígões e que será desenvolvida em parceria pelo Núcleo de Investigação Arqueológica da Era Arqueologia e pelo Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

O problema com que, naturalmente, lidamos é o de como abordar a diversidade que cada vez mais vem caracterizando as práticas funerárias no Neolítico e Calcolítico peninsulares. É o diferente uma unidade mais ou menos independente que se relaciona com outras ou é elemento integrante de um fenómeno mais complexo? Está ele enquadrado pelas margens de variabilidade interna de qualquer preceito cultural e tecnológico, ou traduz realidades distintas? Traduz condições culturais e/ou sociais diferenciadas, ou códigos diversificados de conduta em função de circunstâncias particulares? Representa contextos realmente distintos, ou contextos semelhantes interrompidos e preservados em momentos diversos da sua vida? Diversidade contextual original ou diversidade tafonómica?

Estes são problemas centrais na abordagem à diversidade, a qual, inclusivamente, caracteriza o que a expressão “enterramentos em fossa” poderá tender a homogeneizar. O crescimento da informação empírica que actualmente se regista, associado a um alargamento dos quadros teóricos de abordagem e interpretação e à crescente articulação com a Antropologia, traduzir-se-á seguramente nos próximos anos numa profunda transformação da forma como perspectivamos a gestão da morte na Pré-História Recente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, M.; RUFAL, A.; RALPHS, J. (2000), “The mechanism of formation of bony spurs (enthesophytes) in the achilles tendon”, *Arthritis & Rheumatism*, 43, p. 576-583.
- BLASCO, M^a Concepción & RIOS, Patricia (2005-2006), "Acerca de la diversidad de enterramientos en poblados calcolíticos de estructuras negativas. El ejemplo de Camino de Las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid)", *Kalathos*, 24 – 25, Teruel, p. 105-118.
- DIAS, M^a I.; VALERA, A.C; LAGO, M. & PRUDÊNCIO, M.^a I. (2008), “Proveniência e tecnologia de produção cerâmica nos Perdigões”, *Vipasca*, 2, II Série, p. 117-121.
- CÁMARA SERRANO, J.A. (2001), *El ritual funerario en la Prehistoria reciente en el Sur de la Península Ibérica*, BAR, Internacional Series, 913, Oxford.
- CÁMARA SERRANO, J.A.; LIZCANO PRESTEL, R.; PÉREZ BAREAS, C. & GÓMEZ DEL TORO, E. (2008), "Apropiación, sacrificio, consumo y exhibición ritual de los animales en el Polideportivo de Martos. Sus implicaciones en los orígenes de la desigualdad social", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 18, Granada, p. 55-90.
- GODINHO, Ricardo (2008), “Deposições funerárias em fossa nos Perdigões: dados antropológicos do Secto I”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA, Lisboa, p.29-34.
- JIMÉNEZ JÁIMEZ, Víctor J. (2008), *Recintos de fosos. Genealogía y significado de una tradición en la prehistoria del Suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios AC)*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Málaga, Policopiado.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. & CARVALHO, A. F. (1998), “Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1, Lisboa, p. 45-152.
- MÁRQUEZ ROMERO, José Enrique (2003), "Recintos prehistóricos atrincherados (RPA) en Andalucía (España): una propuesta interpretativa", (S.O.Jorge coord.) *Recintos murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, FLUP / CEAUCP, p. 269-285.

- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. & JIMÉNEZ JAÍMEZ, V. (2008), “Claves para el estudio de los Recintos de Fossos del sur de la Península Ibérica”, *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p. 158-171.
- ROBERTS, C. & MANCHESTER, K. (2005), *The Archaeology of Disease*, Gloucestershire, Sutton Publishing Ltd.
- VALERA, António Carlos (2008), “Recinto calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do Sector I”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA, Lisboa, p. 19-27.
- VALERA, A.; LAGO, M.; DUARTE, C. & EVANGELISTA, L. S. (2000), “Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões”, *Era Arqueologia*, 2, Lisboa, p. 84-105.
- VALERA, A.; LAGO, M.; DUARTE, C.; DIAS, I. & PRUDÊNCIO, I. (2007), “Investigação no complexo dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas”, *Actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Braga, Universidade do Algarve.
- WASTERLAIN, R. S. (2000), *Morphé – análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- WEISS, E. (2003), “Understanding muscle markers: aggregations and construct validity”, *American Journal of Physical Anthropology*, 121, p. 230-240.
- WEISS, E.; Jurmain, R. (2007), “Osteoarthritis revisited: a contemporary review of aetiology”, *International Journal of Osteoarcheology*, 17, p. 437-450.